



A Sociolinguística

Descrição do objeto, objetivo e contexto teórico da Sociolinguística Variacionista, apresentando seus conceitos básicos e o preconceito linguístico.

Prof. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro

Propósito

Adotar uma atitude científica baseada na ausência de preconceito e na análise sistemática de dados empíricos diante da variação linguística a fim de permitir uma abordagem adequada nos estudos linguísticos.

Objetivos

- Descrever o objeto e o objetivo da Sociolinguística Variacionista.
- Reconhecer o contexto teórico do surgimento da Sociolinguística Variacionista.
- Identificar os conceitos de variedade, variável, variante e condicionador.
- Relacionar variedades linguísticas e preconceito linguístico.

Introdução

Se você já se surpreendeu com o sotaque de moradores de outro estado, entrou em uma briga feroz na internet em torno das palavras biscoito e bolacha ou fez cara de ponto de interrogação diante de alguma expressão usada por um familiar mais velho, então você já teve a oportunidade de constatar uma obviedade: pessoas diferentes falam de formas diferentes.

Se você já tentou ler um livro do século XVI (digamos, *Os Lusíadas*) com o texto original, um poema do século XIV (como aquelas cantigas trovadorescas que estudamos na escola) ou mesmo um jornal do início do século XX, já teve a oportunidade de constatar uma segunda obviedade: as línguas mudam com o tempo.

O que você talvez não saiba é que esses dois fenômenos — chamados tecnicamente de variação linguística e de mudança linguística — são parte fundamental e inevitável de qualquer língua humana. Tão fundamental e tão inevitável que existe toda uma área da Linguística dedicada unicamente a estudá-los. Essa área atende por quatro nomes: **Sociolinguística Variacionista**, **Sociolinguística Laboviana**, **Sociolinguística Quantitativa**, **Sociolinguística da Variação e Mudança**.

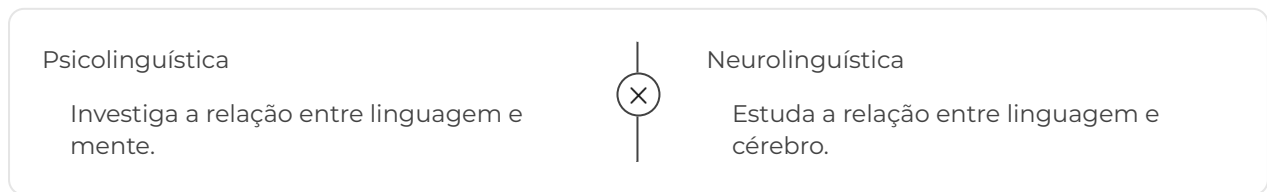
Usaremos preferencialmente o primeiro nome, mas você pode escolher o rótulo de sua preferência. O importante é entender o funcionamento da teoria — e o que ela nos ensina sobre a diversidade linguística e o preconceito. Então, mãos à obra!

Fundamentos da Sociolinguística

Premissa

Uma boa maneira de começarmos a conhecer a Sociolinguística Variacionista é examinando a constituição interna da palavra sociolinguística. Como você pode notar, esse termo resulta da combinação de dois elementos: a palavra linguística e o radical sócio, que significa social (por exemplo, um problema socioeconômico é um problema simultaneamente social e econômico).

Essa observação nos dá a primeira pista: a Sociolinguística Variacionista investiga a relação entre linguagem e sociedade. Esse é um bom começo, porque nos permite diferenciar a Sociolinguística Variacionista de campos como:



A verdade é que muitas outras áreas também se debruçam sobre a relação linguagem-sociedade e, conseqüentemente, localizam-se em uma zona de interseção entre a Linguística e as Ciências Sociais. Por isso, precisamos ser um pouco mais específicos e fazer a seguinte pergunta:

O que a Sociolinguística Variacionista estuda que as demais áreas interessadas no binômio linguagem-sociedade não estudam?

A Sociolinguística Variacionista tem como objeto de estudo específico os fenômenos intimamente relacionados da variação linguística e da mudança linguística. Mas, convenhamos, essa resposta não ajuda muito se não formos capazes de definir, com precisão, os seus dois conceitos-chave: variação linguística e mudança linguística.

Variação linguística X Mudança linguística

Variação linguística é o fenômeno segundo o qual duas ou mais formas diferentes apresentam o mesmo significado referencial. Em outras palavras, dizemos que duas formas estão em variação quando elas podem ser usadas para dizer a mesma coisa.

As palavras mexerica e bergamota, embora sejam formas distintas, referem-se ao mesmo alimento; logo, dizemos que se encontram em variação. Da mesma maneira, as pronúncias “escrever” e “escrevê” denotam exatamente a mesma ação (o ato de produzir um texto escrito); logo, trata-se, mais uma vez, de formas em variação.

Por que falamos em significado referencial, em vez de dizer, simplesmente, significado?



Resumindo

Há um bom motivo. Ocorre que, na opinião de muitos linguistas, duas formas diferentes nunca terão exatamente o mesmo significado. Por exemplo, as palavras fezes e merda se referem ao mesmo objeto (o excremento de humanos e animais), mas têm conotações claramente distintas: enquanto a primeira é mais técnica (e talvez dê um ar de autoridade a quem a emprega), a segunda é chula (e pode fazer seu usuário parecer uma pessoa grosseira). Por causa dessas diferenças, dizemos que fezes e merda não são sinônimos perfeitos. Apesar disso, esses termos são, sim, sinônimos referenciais, isto é, denotam a mesma entidade objetiva. E, como vimos, isso basta para serem considerados formas em variação.

A variação pressupõe, portanto, coexistência entre duas (ou mais) formas que competem pela expressão de um significado.

O que acontece se uma das formas em competição desaparecer da língua, encerrando assim a disputa?

Nesse caso, não falamos mais em variação, e sim em mudança linguística. Considere, por exemplo, o caso dos pronomes você e Vossa Mercê no português brasileiro (PB). Segundo Lopes e Duarte (2003), por algum tempo, eles estiveram em variação (competiam pela expressão do significado: segunda pessoa do singular), mas, em algum momento do século XVIII, o você venceu a disputa: seu uso disparou, o de Vossa Mercê caiu a zero e, com isso, o sistema do PB se modificou.

O que esse exemplo mostra é que **mudança pressupõe variação**: o desaparecimento de Vossa Mercê (mudança) só aconteceu após um período em que Vossa Mercê e você coexistiam, competindo pela expressão de um mesmo significado referencial (variação). O contrário, porém, não é verdadeiro: é possível que duas ou mais formas permaneçam indefinidamente em variação, sem que nunca uma delas ganhe a disputa — quando isso acontece, dizemos que se trata de variação estável, e não de mudança.



Resumindo

Mudança pressupõe variação, mas variação não implica necessariamente mudança. Podemos então deixar estabelecido que o objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista são os fenômenos da variação linguística e da mudança linguística.

Mas, na prática, quando um sociolinguista está trabalhando na sua pesquisa, qual é a sua tarefa? O que ele se propõe a fazer?

Certamente, o objetivo do pesquisador não será o de meramente constatar a existência de um caso de variação (“as formas aipim e mandioca estão competindo pela expressão do mesmo significado referencial”) ou de mudança (“declaro encerrada a competição entre Vossa Mercê e você: o você ganhou”). Mais do que isso, ele quer explicar o que leva o falante a escolher uma forma em detrimento de outra (no caso da variação) e o que leva uma forma a permanecer no sistema linguístico enquanto outra desaparece (no caso da mudança).

O papel do sociolinguista

Um sociolinguista deve buscar correlações sistemáticas entre o uso da língua e um conjunto de fatores sociais e/ou linguísticos.

Por exemplo, pense novamente na alternância entre mexerica e bergamota. Você provavelmente sabe que essas duas formas estão associadas a regiões geográficas distintas:

A primeira é muito usada no Sudeste e no Centro-Oeste do Brasil, ao passo que a segunda se destaca na Região Sul. Pronto: você acaba de estabelecer uma correlação sistemática entre o uso da língua (emprego mais frequente das palavras mexerica ou bergamota) e um fator de natureza social (a região geográfica em que o falante vive).

Agora pense no outro caso de variação: a alternância entre “escrever” e “escrevê”. Note que esse par de palavras é apenas um exemplo; o mesmo tipo de alternância ocorre com muitos outros pares, “cantar” *versus* “cantá”, “flor” *versus* “flô”.



Comentário

Pensando sobre esses diferentes casos, você talvez tenha a sensação de que o apagamento do /R/ final é mais comum em verbos (“escrevê”, “cantá”) do que em substantivos (“amô”, “ditadô”). Pronto: você acaba de estabelecer uma correlação sistemática entre o uso da língua (manutenção ou apagamento do /R/ final) e um fator de natureza linguística (a classe gramatical da palavra).

A essência do trabalho de um sociolinguista variacionista consiste exatamente em procurar correlações entre:

A maneira como as pessoas falam

Por exemplo: “mexerica” ou “bergamota”;
“escrever” e “flor” ou “escrevê” e “flô”.



Os fatores de natureza social ou linguística

Refere-se a região geográfica do falante ou classe gramatical da palavra.

Por que isso é importante? Por um motivo simples: ao fazer isso, a Sociolinguística Variacionista consegue demonstrar o seguinte:

A variação linguística é condicionada (não livre) e sistemática (não aleatória).

Em princípio, alguém poderia supor que a escolha por uma forma ou por outra é gratuita, imotivada: o falante usaria ora “mexerica”, ora “bergamota” — ou ora “flor”, ora “flô” — sem que nada condicionasse suas escolhas. Seria como se ele sortearse uma das variações ao acaso. E, como resultado, teríamos, para cada sistema linguístico, uma variabilidade desordenada, aleatória. Não seria possível identificar qualquer padrão coletivo. Contudo, as coisas não funcionam assim.

A Sociolinguística Variacionista tem sido capaz de identificar certas correlações sistemáticas entre o uso da língua e fatores de natureza social e linguística — coisas como “no Sul, usa-se mais bergamota do que no Sudeste e no Centro-Oeste” ou então “em verbos, apaga-se o /R/ final mais frequentemente do que em substantivos”.

Ora, a própria existência dessas correlações sugere que o falante não é inteiramente livre para escolher entre uma forma ou outra: pelo contrário, ele sofre condicionamentos. Como resultado, quando analisamos o uso linguístico de diferentes comunidades, encontramos padrões.

E essa é a ideia central da Sociolinguística Variacionista: por mais que o sistema linguístico seja variável, essa variabilidade não implica caos e aleatoriedade — pelo contrário, ela é regular e sistemática.



Comentário

A variável será o /R/ final de palavra. Já as variantes — isto é, as alternativas disponíveis para a expressão dessa variável — são a realização do /R/ e o apagamento do /R/.

Sejamos justos: é claro que os sociolinguistas vão muito além de simplesmente dizer que “pessoas de uma região tendem a falar assim, pessoas de outras regiões tendem a falar assado”. Existem pelo menos cinco razões para isso:

Razão 1

Coletam e analisam dados sistematicamente (isto é, gravam e transcrevem a fala das pessoas ou reúnem textos escritos por elas).

Razão 2

Quantificam esses dados e os submetem a métodos estatísticos avançados.

Razão 3

Consideram múltiplos fatores para um mesmo fenômeno e buscam entender as relações entre esses fatores.

Razão 4

Investigam não apenas o modo como as pessoas falam (e escrevem), mas também suas percepções, crenças e atitudes em face de diferentes usos linguísticos.

Razão 5

Fazem generalizações a partir da análise de diferentes fenômenos, isto é, depois de analisar diferentes casos particulares de variação e mudança (nós *versus* a gente; Vossa Mercê *versus* você), procuram chegar a uma teoria geral que explique como se dão a variação e a mudança nas línguas humanas.

A Sociolinguística

Neste vídeo, o professor aborda o ofício do sociolinguista e sua relação com outras subáreas, como: a Análise da Conversa, a Etnografia da Fala, a Sociolinguística Interacional, a Análise do Discurso Francesa, a Análise do Discurso Crítica e a Sociologia da Linguagem.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Síntese

Completando essa apresentação inicial da Sociolinguística Variacionista, sintetizaremos o que vimos neste módulo em cinco breves pontos:

1

O objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista são os fenômenos (fortemente relacionados) da variação linguística e da mudança linguística.

2

A relação entre variação e mudança é tal que a segunda pressupõe a primeira, mas a primeira não implica necessariamente a segunda.

3

O objetivo da Sociolinguística Variacionista é identificar os fatores capazes de explicar a variação e a mudança linguísticas.

4

Por trás desse objetivo, está a premissa de que a variação linguística é sistemática (e não aleatória).

5

Essa sistematicidade advém da existência de correlações sistemáticas entre a heterogeneidade da estrutura linguística e um conjunto de fatores de natureza social e gramatical.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

Diferença entre variação e mudança linguística



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

O papel do sociolinguista



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Assinale a alternativa que descreve adequadamente o objeto e o objetivo da Sociolinguística Variacionista.

A

Sociolinguística Variacionista tem como objeto de estudo somente a mudança linguística e como objetivo os fatores que explicam essa mudança.

B

O objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista é tão somente a variação linguística e seu objetivo é a compreensão dos fatores que impedem essas variações.

C

A Sociolinguística Variacionista tem como objeto de estudo a língua e seu objetivo é simplesmente constatar a existência de um caso de variação.

D

O objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista são a variação e a mudança linguísticas; seu objetivo de estudo está centrado nos fatores que as explicam.

E

O objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista é o padrão ou norma da língua e seu objetivo é o estabelecimento da variedade culta.



A alternativa D está correta.

A Sociolinguística Variacionista tem como objeto de estudo tanto a variação quanto a mudança linguísticas, já que são conceitos linguisticamente distintos. Seu objetivo se concentra na identificação dos fatores que explicam a variação e a mudança, não se limitando a um deles ou a casos isolados.

Questão 2

Assinale a alternativa que melhor descreve o vínculo entre variação e mudança linguísticas.

A

Variação e mudança são fenômenos semelhantes, porém independentes.

B

Variação e mudança são fenômenos mutuamente dependentes, de maneira que um não existe sem o outro.

C

Mudança pressupõe variação, mas não vice-versa.

D

Mudança é o mesmo que variação estável.

E

Mudança e variação linguísticas são fenômenos distintos que ocorrem principalmente na língua escrita.



A alternativa C está correta.

Toda mudança pressupõe uma etapa em que duas ou mais formas linguísticas estiveram em concorrência, caracterizando, assim, uma variação. Por outro lado, é teoricamente possível que duas formas permaneçam em variação indefinidamente, sem que nenhuma delas "vença" a disputa, o que caracteriza a variação estável. Sendo assim, mudança pressupõe variação, mas o contrário não é verdadeiro.

A institucionalização da Sociolinguística

Vamos observar alguns acontecimentos sobre o primeiro uso da palavra sociolinguística:

Referencial

Ela foi usada em referência a uma disciplina autônoma, tendo o primeiro registro no ano de 1952, aparecendo no título de um artigo programático, no qual linguistas e sociólogos são conclamados a estabelecer uma nova área de investigação voltada para o estudo da inter-relação entre uso linguístico e status social do falante (CURRIE, 1952). Para esse novo campo, o autor propõe o nome socio-linguistics (em português, sociolinguística). Mas a verdade é que a área só viria a se institucionalizar nos anos 1960.



Institucionalização

O marco dessa institucionalização, de acordo com o linguista francês Louis-Jean Calvet, foi uma conferência realizada em maio de 1964 na Universidade da Califórnia, campus de Los Angeles, nos Estados Unidos (CALVET, 2002). Felizmente para quem não estava lá, os estudos apresentados nesse evento ficaram imortalizados em um volume intitulado Sociolinguistics (BRIGHT, 1996), que pode ser considerado uma espécie de certidão de nascimento desse campo de estudo.



Expoente da Sociolinguística Variacionista

O linguista norte-americano William Labov estava entre os participantes do evento, sendo consensualmente reconhecido como o principal expoente da Sociolinguística Variacionista (a ponto de o campo também ser chamado, como dissemos anteriormente, de Sociolinguística Laboviana). Não é à toa: Labov realizou o feito raríssimo de fundar um novo campo de investigações ainda na condição de aluno de pós-graduação.



Evidentemente, Labov não foi a primeira pessoa a desenvolver um estudo relacionando a heterogeneidade linguística a variáveis sociais. Mas sua dissertação de mestrado e tese de doutorado, concluídas respectivamente em 1963 e 1964, tiveram papel fundamental no estabelecimento da Sociolinguística Variacionista como movimento autoconsciente e na sua consolidação como disciplina autônoma. Depois de sua aposentadoria, Labov detém o título de Professor Emérito de Linguística da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos.

Nem a conferência nem a obra resultante dela se limitavam à área conhecida atualmente como Sociolinguística Variacionista.

Pelo menos três áreas estavam implicadas: a **Etnografia da Fala**, a Sociologia da Linguagem e, claro, a Sociolinguística Variacionista. Todas elas têm algo em comum: o interesse pela linguagem em uso no contexto social.

Etnografia da Fala

Área que estuda a própria dinâmica da interação conversacional, isto é, a maneira como as pessoas coordenam suas ações quando estão conversando: elas se interrompem mutuamente? Falam por cima das outras? Dão algum tipo de pistas de que desejam que o outro se cale para poderem falar?

Tendências da Linguística hegemônica do século XX

Para Calvet (2002), a obra *Sociolinguistics* representa o rompimento com o tipo de estudo da linguagem que caracterizou os dois paradigmas linguísticos mais bem-sucedidos do século XX: a **Linguística Estrutural** (paradigma hegemônico, grosso modo, na primeira metade do século passado) e a **Linguística Gerativa** (que se impôs como paradigma dominante a partir dos anos 1960).

Vamos lembrar duas características desses paradigmas:

1ª característica

Constituição de um objeto homogêneo

2ª característica

Adoção de uma abordagem imanentista

Agora vamos ver o objetivo e conhecer o autor de cada uma:

Linguística estrutural

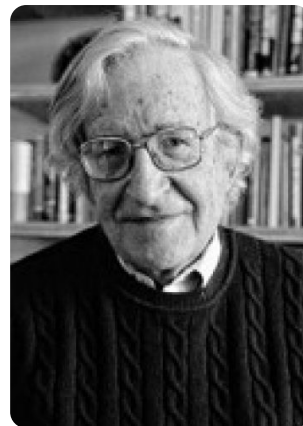
Começemos pela **Linguística Estrutural**.

Seu fundador, o linguista franco-suíço **Ferdinand de Saussure** (1857-1913), julgava que a **língua** (*langue*) — para ele o único e verdadeiro objeto da Linguística, em oposição à **fala** (*parole*) — era um sistema perfeitamente homogêneo: um conjunto de signos rigorosamente idênticos depositado no cérebro de cada falante.



Linguística gerativa

Do lado da **Linguística Gerativa**, é famosa a afirmação do seu inventor, o linguista norte-americano **Noam Chomsky** (1965), de que a teoria linguística está preocupada com um falante-ouvinte ideal em uma comunidade de fala completamente homogênea.



Homogeneidade e imanência da linguagem

Tanto Saussure quanto Chomsky estavam, é claro, trabalhando com idealizações: nenhum deles achava de verdade que qualquer agrupamento de falantes pudesse ser linguisticamente homogêneo. Mas os dois acreditavam — e não há mal nenhum nisso — que o estudo científico da linguagem seria mais produtivo se abstraísse as diferenças individuais no uso da língua.

Em Linguística, dizemos que uma abordagem é imanentista quando ela focaliza a língua em si mesma, isto é, desconectada de fatores externos ao próprio sistema linguístico. Que fatores seriam esses? Podem ser muitos, incluindo:

1º fator

A estrutura da sociedade

2º fator

A cultura

3º fator

O funcionamento da mente humana

4º fator

O uso linguístico concreto



Resumindo

A emergência da Sociolinguística Variacionista deve ser entendida, portanto, como uma espécie de reação a duas fortes tendências da Linguística hegemônica do século XX: a homogeneidade e a imanência. Assim, ao se institucionalizar, em meados dos anos 1960, o que a Sociolinguística Variacionista faz é oferecer uma maneira alternativa de se fazer Linguística, cuja principal característica é o interesse por estudar não o sistema linguístico em si mesmo, mas o uso linguístico inserido na vida social.

Estudos sociolinguísticos no Brasil

Assista ao vídeo que traz uma panorâmica dos estudos sociolinguísticos no Brasil.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

Contexto histórico do surgimento da Sociolinguística



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Reação da Sociolinguística à abordagem imanentista da língua



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Assinale a alternativa em que é possível reconhecer corretamente o contexto teórico que marca o início da Sociolinguística.

A

Os estudos sociolinguísticos dão continuidade aos estudos e às premissas teóricas de Ferdinand de Saussure.

B

Os estudos sociolinguísticos dão continuidade aos estudos e às premissas teóricas de Noam Chomsky.

C

Os estudos sociolinguísticos dão continuidade às abordagens que abstraem as diferenças individuais no uso da língua.

D

Os estudos sociolinguísticos rompem com a premissa da constituição de um objeto homogêneo e da adoção de uma abordagem imanentista.

E

Os estudos sociolinguísticos reforçam a abordagem homogênea e imanentista da linguagem.



A alternativa D está correta.

A Sociolinguística surge num contexto teórico em que se opõe à abordagem estruturalista, de Ferdinand de Saussure, e à abordagem gerativista, de Noam Chomsky. Ao se opor a esses paradigmas, a Sociolinguística supera uma abordagem que abstrai as diferenças individuais no uso da língua e rompe com as premissas da homogeneidade e da imanência no estudo da língua.

Questão 2

A Sociolinguística buscou correlacionar a estrutura linguística à estrutura social. Ao fazer isso, logo no seu surgimento, com qual premissa dos paradigmas estruturalista e gerativista a Sociolinguística rompeu?

A

A autossuficiência do sistema linguístico.

B

A arbitrariedade do signo.

C

A existência de uma gramática universal.

D

A diferenciação entre relações sintagmáticas e paradigmáticas.

E

O desprezo pelos estudos diacrônicos.



A alternativa A está correta.

No paradigma estruturalista, a língua é tomada como um sistema autônomo, encerrado em si mesmo, cujo funcionamento pode, portanto, ser compreendido sem que se faça referência a elementos que lhes são externos. No paradigma gerativista, a linguagem é entendida como uma faculdade mental que funciona de modo independente de outras faculdades mentais. Essas duas concepções, embora não sejam idênticas, irmanam-se pela aposta da possibilidade de se estudar a língua isolando-a de considerações de natureza extralinguística.

Conceito de variedade

Neste módulo, apresentaremos alguns conceitos teóricos que formam o arcabouço variacionista. Trataremos, especificamente, de quatro grandes conceitos:

- Variedade;
- Variante;
- Variável;
- Condicionador.

Esses conceitos são as principais ferramentas analíticas à disposição de um sociolinguista para lidar com problemas de variação.

Variedade

Uma variedade é a forma de falar própria de determinado grupo social. Por exemplo, podemos nos referir à variedade carioca, à variedade acreana ou à variedade da Zona Leste da cidade de São Paulo. Nesses casos, os grupos sociais citados são, respectivamente, o conjunto dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro, o conjunto dos habitantes do estado do Acre e o conjunto de moradores da Zona Leste paulistana.

A região geográfica não é o único parâmetro social que nos permite definir uma variedade. Um sociolinguista pode estabelecer a variedade a ser estudada a partir de qualquer parâmetro que lhe pareça relevante, por exemplo:

- Idade;
- Grau de escolaridade;
- Gênero/sexo;
- Profissão.

Assim, podemos falar na variedade dos falantes com mais de 60 anos, com ensino superior completo e do gênero feminino. E, é claro, podemos ainda combinar esses parâmetros, o que vai conduzir a recortes mais específicos de grupos sociais: a variedade dos falantes paulistanos com ensino superior completo, das mulheres acreanas, dos pescadores fluminenses com mais de 50 anos, e por aí vai.

Agora, vamos conhecer dois importantes conceitos:

Norma culta

Também conhecida como variedade culta, nada mais é do que a variedade usada pelos falantes que gozam de maior prestígio social — isso tende a significar, na prática, aqueles mais escolarizados, com maior remuneração e que vivem nos centros urbanos. Considerando a realidade socioeconômica do Brasil, o autor deste texto, morador da cidade do Rio de Janeiro e professor universitário, é um falante culto. Logo, os usos linguísticos próprios da sua fala — ou seja, da minha fala — serão tidos como pertencentes à variedade culta.

Norma padrão

É o conjunto de usos prescrito pela tradição gramatical. Isto é, o conceito de norma padrão não reflete (necessariamente) o uso de uma comunidade linguística real: trata-se de uma idealização transmitida, geração após geração, pela escola e pelas gramáticas normativas (e por revisores e colunas de jornais sobre como “falar corretamente”).

Pensando especificamente na realidade sociolinguística do Brasil, fica claro que a norma padrão é, de fato, apenas uma idealização.

Não existe nenhum grupo social cuja forma de falar corresponda integralmente a esse conjunto de prescrições.



Isto é, no Brasil, nenhuma variedade linguística real — ou seja, empiricamente atestável na realidade sociolinguística — inclui todos os usos ditados pela tradição gramatical.

Mas, você pode estar pensando, nem a variedade culta?

Certamente, não. Por exemplo, eu, que uso (por definição) a variedade culta, acabo de virar para a minha mulher e dirigir a ela o seguinte enunciado: “Me diz depois o que você acha deste texto que eu estou escrevendo?”. Segundo a tradição gramatical, eu não poderia ter empregado a próclise (“me diz”) no início do enunciado, mas essa forma de falar é corriqueira para mim. Esse uso, portanto, pertence à norma culta, mas não à norma padrão.



Resumindo

A norma culta é uma variedade empiricamente atestável, isto é, a forma de expressão própria de um grupo social real (os falantes com maior prestígio social). Já a norma padrão é apenas um conjunto de prescrições gramaticais registrado nas gramáticas normativas. Em tese, a norma padrão pode ou não coincidir com alguma variedade real (como a variedade culta); no Brasil, certamente isso não ocorre.

Variável e variante

Tendo estabelecido o conceito de variedade, passemos agora às noções de variável e variante. Para compreendê-las, procure responder às seguintes perguntas:

Quantos pronomes diferentes o sistema do português brasileiro nos disponibiliza para que expressemos a ideia de 1ª pessoa do singular?

Para a 1ª pessoa do singular, só existe um pronome possível: o eu. Logo, sempre que um falante quiser usar um pronome para expressar a ideia de 1ª pessoa do singular, ele será forçado a usar esse pronome — não há escolha possível aqui.

E, não havendo escolha, também não há variação: em qualquer texto que você analise, 100% dos pronomes de 1ª pessoa do singular serão eu. Por isso, dizemos que, no português, a expressão pronominal da 1ª pessoa do singular é um fenômeno categórico — isto é, se realiza sempre da mesma maneira.

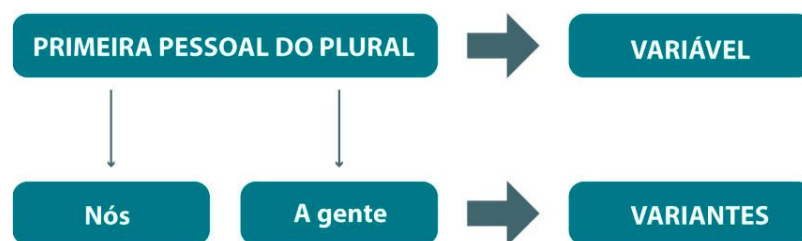
E quanto à 1ª pessoa do plural?

Para a 1ª pessoa do plural, o sistema do português brasileiro disponibiliza dois pronomes: o nós e o a gente. Logo, se você analisar o uso de diversos falantes, provavelmente encontrará ora o nós, ora o a gente. Isto é, você encontrará variação. Nesse caso, portanto, não estamos mais diante de um fenômeno categórico, e sim diante de um fenômeno variável. São esses, é claro, que interessam à Sociolinguística Variacionista.

Agora podemos voltar aos termos variável e variante. Em Sociolinguística Variacionista, a palavra variável é usada em referência a qualquer aspecto do sistema linguístico que admite variação. Já o termo variante faz referência às diferentes formas que competem pela realização da variável.

Em uma pesquisa variacionista, o linguista tipicamente elegerá uma variável e investigará quais são as variantes que podem realizá-la. Por exemplo: se você decidir estudar a alternância entre nós e a gente na expressão da 1ª pessoa do plural, então sua variável será a 1ª pessoa do plural (é um aspecto do sistema linguístico que admite variação, e por isso foi eleito como objeto do seu estudo) e suas variantes serão o nós e o a gente (as diferentes formas disponíveis para a realização da variável).

O diagrama a seguir sintetiza essa ideia:



Vamos considerar um segundo exemplo. Imagine a seguinte situação:



Exemplo

Como um pesquisador experiente, você observa uma oscilação na maneira como as pessoas realizam o "r" em final de palavras no português brasileiro: em algumas situações elas efetivamente produzem o som do "r" (cantar, ator), em outras parecem suprimi-lo ("cantá", "atô").

Temos aqui, claramente, um caso de variação. Por isso, vale a pena perguntar:

Caso você decida desenvolver uma pesquisa sobre esse tema, qual será a variável e quais serão as variantes do seu estudo?

A variável será o /R/ final de palavra. Já as variantes — isto é, as alternativas disponíveis para a expressão dessa variável — são a realização do /R/ e o apagamento do /R/.



Comentário

Não diga que as variantes são “cantar” versus “cantá” ou “ator” versus “atô”. Esses são apenas exemplos. Na sua pesquisa, você não está interessado em nenhuma palavra específica (seja ela “cantar”, “ator” ou qualquer outra). Você está interessado na variação entre a realização ou o apagamento do /R/.

A explicação que vimos até aqui está sintetizada na tabela a seguir:

EXEMPLO DE ALTERNÂNCIA	VARIÁVEL	VARIANTES
Nós saímos X A gente saiu	1ª pessoa do plural	- Nós - A gente
Cantar X “Cantá” Ator X “Atô”	/R/ em final de palavra	- Presença do /R/ - Ausência do /R/

Diogo Pinheiro.

A variação afeta todos os componentes de um sistema linguístico, ocorrendo nos seguintes níveis:

Lexical

A alternância entre “nós” e “a gente” é um caso de variação no nível lexical: trata-se de duas palavras distintas utilizadas para expressar o mesmo significado (referencial). Outros exemplos de variação lexical no português são: biscoito e bolacha; batata baroa e mandioquinha; mosquito, pernilongo, muriçoca e carapanã; brother e mano. (Temos certeza de que você é capaz de pensar em muitos outros casos.)

Fonológico

A alternância entre manutenção e preservação do /R/ em final de palavra (como em “cantar” versus “cantá”, ou “ator” versus “atô”) ilustra a variação em nível fonológico: afinal, trata-se aqui da perda de um segmento sonoro. Outro exemplo de variação fonológica é a alternância entre palavras com ditongo decrescente e com monotongo (como em “peixe” versus “pexe”). Em todos esses casos, temos variação fonológica, e não lexical, porque não se trata de palavras distintas, mas de pronúncias distintas da mesma palavra.

Morfológico

Um exemplo de variação em nível morfológico é a possibilidade de alternância entre o sufixo -ria e os sufixos -va e -ia em um contexto específico, como em “se eu fosse você, estudaria / estudava”. Aqui, temos variação morfológica, e não lexical, porque o radical da palavra não se altera: muda-se apenas um elemento da sua estrutura mórfica interna.

Morfossintático

Um caso de variação em nível morfossintático — isto é, uma variação que se situa na interface entre morfologia e sintaxe — é a coexistência das variantes com marca de plural no nome (“as casas”) e sem marca de plural no nome (“as casa”). Essa variação pertence ao nível morfossintático porque a concordância nada mais é do que a marca morfológica de uma relação sintática. Neste caso, a relação sintática se dá entre o determinante (como “as”) e o núcleo do sintagma nominal (como “casas”): a repetição do mesmo sufixo (-s) nos dois elementos é uma marca visível de que eles guardam entre si uma conexão sintática.

Sintático

Por fim, no caso de variação em nível sintático, que envolve a estruturação interna da sentença, um exemplo é o da posição do sujeito em relação ao verbo, com as variantes posição pré-verbal (“alguém brotou no bailão”) e posição pós-verbal (“brotou alguém no bailão”).

Variante de prestígio e variável estigmatizada

Ao analisar as variantes na língua, é possível notar que, muitas vezes, existe entre elas uma diferença relativa ao prestígio social. Isto é, em alguns casos, uma das variantes é socialmente valorizada ao passo que as demais são socialmente desvalorizadas.

A Sociolinguística Variacionista se refere a esses dois tipos de variantes, respectivamente, como:

Variante de prestígio

Atribui prestígio às pessoas que a empregam.



Variante estigmatizada

Funciona como estigma social para quem as emprega.

A variante de prestígio corresponde à forma prescrita pela norma padrão, ao passo que as variantes estigmatizadas tendem a ser formas não padrão. Um exemplo claro disso diz respeito ao fenômeno da concordância nominal, como podemos identificar na alternância “os filhos” X “os filho”.

Nesse caso, a forma não padrão (sem marcação de plural no nome) é uma variante estigmatizada, ou seja, um uso linguístico que tende a ser revestido de um julgamento social negativo. Ao mesmo tempo, vemos que a forma padrão (com marcação de plural no nome) é uma variante de prestígio, tendo, portanto, a capacidade de conferir aos seus falantes uma avaliação favorável.

Nem sempre as diferentes variantes de um fenômeno variável podem ser hierarquizadas quanto ao grau de prestígio (ou estigma) que elas “colam” no seu usuário.



Exemplo

Em relação à regra variável posição do sujeito, não há qualquer razão para supor que a variante sujeito pré-verbal (“o João chegou”) seja mais ou menos estigmatizada do que a variante sujeito pós-verbal (“chegou o João”). Nesse caso, simplesmente não pesa, sobre qualquer uma das variantes, algum tipo de condenação por parte da tradição normativa.

Além disso, pode ainda acontecer de uma variante originalmente estigmatizada perder seu estigma com o tempo. Segundo Coelho *et al.* (2015), é o que estaria ocorrendo, na expressão da 1ª pessoa do plural, com a variante “a gente”: embora se trate de uma forma não reconhecida pela tradição normativa (e, portanto, não

pertencente ao português padrão), esse pronome estaria deixando de ser percebido como inapropriado (mesmo para contextos formais).

Às vezes, é possível vislumbrar o significado social de uma variante por meio de uma análise sociolinguística que focalize a maneira como as pessoas falam: se sujeitos altamente escolarizados evitam determinada forma, ao passo que falantes menos escolarizados não o fazem, isso pode significar que a forma em questão é socialmente estigmatizada. Mas essa abordagem é insuficiente por pelo menos duas razões:

1

As pessoas podem avaliar negativamente uma forma e ainda assim empregá-la ou julgar positivamente determinada forma e não a empregar consistentemente.



2

As formas linguísticas podem evocar muitos outros significados sociais para além do prestígio e do estigma associados à educação formal.

Na pesquisa sociolinguística, é interessante investigar não apenas o modo como as pessoas se expressam (por exemplo, analisando textos orais produzidos por elas em uma entrevista), mas também como elas percebem e avaliam a sua própria fala e a dos outros (por exemplo, por meio de questionários em que o falante deve indicar se uma forma sugere que seu usuário é inteligente, confiável etc.).

O tipo de estudo que se volta para a investigação das crenças e das atitudes linguísticas constitui uma das ramificações da Sociolinguística Variacionista.

Variedade, variável e variante

Neste vídeo, o professor Diego Pinheiro abordará como combinar os três conceitos estudados: variedade, variável e variante.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Condicionadores

Passemos agora ao próximo conceito central do arcabouço variacionista: o de condicionador. Para um sociolinguista, não basta constatar que, por exemplo, o sistema do português disponibiliza as variantes com “r” e sem “r” para o fenômeno variável realização do /R/ em final de palavra. Também queremos responder às seguintes perguntas:

1

Quais falantes, em que contextos, tendem a usar a variante com “r”?



2

Quais falantes, em quais contextos, priorizam a variante sem “r”?

Para dar conta desse tipo de pergunta, os sociolinguistas utilizam o conceito de condicionador. Condicionadores são os fatores que favorecem a “escolha” de uma ou outra variante.



Comentário

Colocamos a palavra “escolha” entre aspas porque ela pode sugerir que o emprego de determinada forma seria sempre consciente e deliberado — o que, muitas vezes, não é o caso.

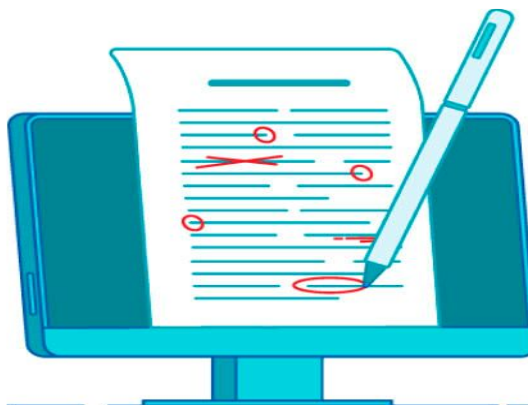
O nome **condicionador** vem exatamente da ideia de que esses fatores **condicionam** o comportamento linguístico do falante (embora não o determinem de modo definitivo e inescapável). Para entender que fatores seriam esses, pense novamente nas palavras terminadas em /R/, como “cantar” e “ator”.

Talvez perceba que pessoas com baixa escolaridade usam mais frequentemente formas do tipo “atô” do que pessoas com alto grau de escolarização. Se isso for verdade, você poderá dizer que o grau de escolaridade condiciona o comportamento dos falantes em **relação ao fenômeno variável realização do /R/ em final de palavra** (pessoas com baixa escolaridade teriam mais chance de apagar o “r”). Em outras palavras, você terá descoberto que o fator **grau de escolaridade** é um **condicionador** relevante para esse fenômeno variável.

Mas talvez você tenha tido um insight diferente e imaginado o seguinte: ao menos para algumas pessoas, é mais provável que elas digam “cantá” (ou “comê”, “fazê” etc.) do que “atô” (ou “amô”, “flô” etc.).

Nesse caso, falando em termos um pouco mais técnicos, a probabilidade de ocorrência do apagamento depende de a palavra ser um verbo (como “cantar”) ou um nome (como “ator”).

Se isso for verdade, você poderá dizer que a classe gramatical da palavra condiciona o comportamento do falante (ele terá mais chance de apagar o “r” se estiver pronunciando um verbo). Em outras palavras, você terá descoberto que o fator classe gramatical é um condicionador relevante para esse fenômeno variável.



Saiba mais

Condicionador ou variável independente? Em artigos e livros de Sociolinguística Variacionista, você talvez se depare com a expressão “variável independente”. Ela significa exatamente o mesmo que condicionador. Ou seja, quando o artigo disser “analisando a variável independente grau de escolaridade...”, você pode ler como “analisando o condicionador grau de escolaridade...”.

Comparando os dois condicionadores descobertos (hipoteticamente) por você, verificamos que eles têm naturezas diversas: enquanto o grau de escolaridade é um fator de natureza social (externo ao sistema linguístico em si mesmo), a classe gramatical é um fator de natureza linguística (diz respeito a uma informação que faz parte do conhecimento linguístico do falante). Essa observação mostra claramente que existem duas categorias de condicionadores:

Externos

Também chamados de sociais ou extralinguísticos, são inerentemente sociais. Para fins didáticos, é possível dividi-los em dois tipos: os que dizem respeito a atributos que definem a identidade social do falante (idade, profissão, região onde mora, gênero/sexo, nível socioeconômico, grau de escolaridade) e os que dizem respeito à própria situação comunicativa na qual o uso linguístico está sendo analisado.

Internos

Também chamados às vezes de linguísticos ou estruturais podem ser, por exemplo, condicionadores internos de natureza fonológica e semântica.



Resumindo

Até aqui, você pôde identificar as quatro principais ferramentas analíticas da Sociolinguística Variacionista, que correspondem ao conceito de: variedade, variável, variante e condicionador. Esses quatro conceitos estão também relacionados com o objeto de estudo e o objetivo da Sociolinguística Variacionista.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

O conceito de condicionadores



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Grau de escolaridade como condicionador



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

O apagamento do “r” no final de palavras, como em “atô” e “cantá”, é um fenômeno variável que tem mais chance de acontecer quando se tem baixa escolaridade. A atuação do fator grau de escolaridade nesse caso deve ser identificada com qual conceito do arcabouço teórico da Sociolinguística Variacional?

A

Condicionador, porque o grau de escolaridade é um fator condicionador para o fenômeno variável.

B

Variável, porque o grau de escolaridade é um aspecto do sistema linguístico que admite variação.

C

Variante, porque o grau de escolaridade é uma forma de realização da variável.

D

Variedade, porque a escola possui uma forma de falar própria.

E

Variação, porque o ambiente escolar valoriza os registros mais informais.



A alternativa A está correta.

A baixa escolaridade de um falante pode condicionar determinados usos da língua, como ocorre com formas linguísticas menos prestigiadas socialmente. Nesse caso, o grau de escolaridade condiciona a variedade e a variante. O grau de escolaridade não pode ser identificado com os conceitos de variável, variante e variedade.

Questão 2

Suponha que você comece a reparar no fato de que algumas pessoas tendem a falar “blusa” e “planta” enquanto outras falam com mais frequência “brusa” e “pranta”. Diante disso, você decide então estudar a realização do /l/ em grupo consonantal, observando a variação entre a pronúncia com [l] e a pronúncia com [r]. Em relação a esse estudo, os três elementos sublinhados devem ser identificados, respectivamente, com quais conceitos teóricos?

A

Variante de prestígio; variante estigmatizada; variável independente.

B

Variável; variante de prestígio; variante estigmatizada.

C

Variável independente; variável dependente; condicionador.

D

Prestígio encoberto; norma padrão; norma culta.

E

Condicionador, variante de prestígio; variável independente.



A alternativa B está correta.

Realização do /l/ em grupo consonantal é uma variável porque se trata de um fenômeno que pode ocorrer de duas maneiras "diferentes": por meio da pronúncia com [l] e por meio da pronúncia com [r]. Por sua vez, cada uma dessas pronúncias possíveis corresponde a uma variante, já que se trata das formas disponíveis para a realização da variável. Entre elas, a realização com [l] goza de prestígio social, ao passo que a realização com [r] tende a evocar comentários depreciativos sobre seus usuários. Logo, a primeira é a variante de prestígio e a segunda, a variante estigmatizada.

O preconceito linguístico

Nos dias atuais, felizmente, parte da sociedade brasileira tem falado muito sobre os mais diversos tipos de preconceito: de raça/etnia, de religião, de gênero, de orientação sexual, de idade. Mas um tipo específico de preconceito ainda não recebeu a atenção que merece: o preconceito linguístico.

Preconceito é um julgamento infundado sobre as capacidades de uma pessoa — e sua consequente exclusão de certos espaços sociais, em particular as esferas de poder — com base em algum atributo da sua identidade. Quando esse julgamento se baseia em atributos étnico-raciais, trata-se de racismo. Quando esse julgamento toma como base a idade da vítima, trata-se de etarismo. E, evidentemente, quando a base do julgamento são as marcas gramaticais presentes na fala de determinado falante, trata-se de preconceito linguístico.

A premissa que sustenta o preconceito linguístico é a de que certos usos seriam inerentemente inferiores a outros. Em favor dessa tese, encontram-se, no senso comum, dois argumentos distintos:

Ineficiência comunicativa

De acordo com esse argumento, um enunciado falado ou escrito em uma variedade não padrão (“eu vi os menino tudo”) seria menos claro e compreensível do que um enunciado falado ou escrito segundo a norma padrão (“eu vi os meninos todos”). A julgar por esse argumento, usuários de variedades estigmatizadas se comunicariam de forma precária: por dominarem uma variedade comunicativamente deficiente, eles teriam dificuldade em expressar com clareza suas ideias, opiniões, crenças e desejos.

Irregularidade estrutural

Esse argumento, por sua vez, toma um caminho distinto. Aqui, a ideia é a de que apenas os enunciados que se conformam à norma padrão (ou pelo menos à norma culta) seriam governados por regras, isto é, refletiriam padrões estruturais estáveis. A julgar por esse argumento, usuários de variedades estigmatizadas fariam “sem regras”, isto é, montariam suas frases de modo caótico e aleatório. E mais: essa “desordem estrutural” da fala não padrão (ou não culta) seria reflexo de um pensamento igualmente confuso e desordenado.

Os dois argumentos, embora distintos, sustentam o mesmo raciocínio, que pode ser sintetizado assim:

1

Em comparação com as variantes de prestígio, as formas estigmatizadas são inerentemente inferiores, por serem comunicativamente ineficientes ou gramaticalmente desestruturadas (ou as duas coisas ao mesmo tempo).



2

Logo, usuários dessas formas são menos capazes que usuários das variantes de prestígio, porque se expressam pior ou pensam pior (ou as duas coisas ao mesmo tempo).

Como se vê, esse raciocínio serve para justificar a discriminação dos usuários das variantes estigmatizadas (e sua consequente exclusão de uma série de espaços da vida social): a ideia é a de que, se eles de fato são menos capazes (como seu uso linguístico provaria), sua marginalização não seria infundada.



Comentário

Desconstruir essa ideia, porém, não é difícil: se demonstrarmos que o ponto (1) é falso, o ponto (2) cai por terra automaticamente.

Variantes e variedades

Variantes estigmatizadas e sua eficiência

Começemos pelo primeiro argumento: o de que variantes estigmatizadas seriam deficientes do ponto de vista comunicativo. Para entender por que essa ideia não passa de um mito, considere a sentença “eu vi os menino tudo” — um uso fortemente estigmatizado e afastado tanto da norma padrão quanto das variedades cultas do português brasileiro.

Apesar de todo esse estigma, ninguém tem qualquer dificuldade de entender o que essa frase quer dizer: que o falante (“eu”) constatou visualmente (“vi”) a presença da totalidade dos seres humanos de pouca idade (“os menino tudo”). Se é assim, então não há nenhuma razão para afirmar que a sentença “eu vi os meninos todos” transmite melhor a mensagem pretendida do que “eu vi os menino tudo”.

Não há qualquer evidência de que também não conseguiríamos entender um tratado de Física Quântica ou um poema do Castro Alves (1847-1871) se alguns elementos dos seus sintagmas nominais não tivessem o -s exigido pela norma padrão. **Quer ver?** Tente você mesmo com estes versos de *O Navio Negreiro*:

***Stamos em pleno mar... Abrindo as vela**
Ao quente arfar das viração marinha.*



Comentário

Se você não teve dificuldade em compreender a mensagem, fica demonstrado que usos socialmente estigmatizados não são comunicativamente inferiores aos socialmente prestigiados.

Variedades não padrão e suas regras

Passemos agora ao segundo mito: a ideia de que falantes que usam formas não padrão, do tipo “os menino tudo”, falam “sem regras” — isto é, de modo assistemático, aleatório, bagunçado e desleixado. Mais uma vez, é fácil provar que isso não é verdade. Para isso, compare as sentenças abaixo:

Sentença 1

- a) Eu vi os menino tudo.
- b) Nós compramos os livro tudo.

Sentença 2

- a) Eu vi menino os tudo.
- b) Nós compramos livro os tudo.

Sentença 3

- a) Eu vi o meninos tudo.
- b) Nós compramos o livros tudo.

Sentença 4

- a) Eu vi tudo os menino.
- b) Nós compramos tudo os livro.

Você já deve ter ouvido alguém falar frases como (1.a.) e (1.b.), mas provavelmente nunca ouviu usos do tipo (2), (3) e (4). O que isso mostra? Simples: quem fala “os menino tudo” e “os livro tudo” está seguindo, com certo rigor, uma exaustiva lista de regras. Eis algumas delas:

- Coloque o artigo sempre antes do nome — nunca depois (como mostra a impossibilidade de 2);
- Você pode colocar o artigo no plural e o nome do singular, mas nunca o contrário (como mostra a impossibilidade de 3);
- O quantificador “tudo” deve obrigatoriamente vir após o nome quantificado, nunca antes dele (como mostra a impossibilidade de 4).

A concordância não padrão com “tudo” exige, obrigatoriamente, artigo no plural, nome no singular e a palavra “tudo” após o nome (ainda que isto seja uma simplificação, já que outros elementos, além de artigos, podem aparecer à esquerda do nome). Ao usar a variante não padrão, os falantes observam todas essas regras. Caso não o fizessem, isto é, caso sua fala fosse de fato aleatória, eles diriam ora “os menino tudo”, ora “menino os tudo”. Evidentemente, isso não acontece — logo, a única conclusão possível é a de que esses falantes estão seguindo regras. Ou seja, sua fala é padronizada.

Nota-se que variedades não padrão, ao contrário do que muitos pensam, são comunicativamente eficientes, sistemáticas e regulares. Em outras palavras, conseguimos desmontar os dois argumentos normalmente utilizados para sustentar a tese de que certas formas linguísticas seriam inerentemente melhores que outras.

E, uma vez que essa tese é derrubada, a conclusão decorrente dela também se desmonta: se variantes estigmatizadas não são inerentemente piores, então seus usuários não são pessoas menos capazes (nem quanto à capacidade comunicativa nem quanto à capacidade cognitiva).



Atenção

O preconceito linguístico, além de ser discriminatório e excludente, baseia-se em um raciocínio infundado, sem sustentação científica. Para se sustentar, o discurso preconceituoso depende de uma premissa que é objetivamente falsa: a de que algumas formas linguísticas seriam inerentemente melhores que outras. Desmontando-se esse argumento, o raciocínio se desfaz, e fica claro que não existe qualquer base científica para se discriminar e excluir as pessoas devido ao seu modo de falar.

Existe um falar certo ou errado?

Se nenhuma forma linguística é inerentemente melhor do que outra, ou seja, se não existe nenhuma razão comunicativa ou gramatical para preferir uma variante A (“os meninos”) em detrimento de uma variante B (“os menino”), então, qual é o critério usado pelas gramáticas normativas para decidir quais usos são “certos” e quais são “errados”?

Em poucas palavras, **o problema aqui é social, e não linguístico**, veja a seguir com mais detalhes.



Reflexão

A norma padrão é moldada com base na fala de uma elite socioeconômica, de maneira que a forma de expressão própria dessa elite é tomada como o padrão de correção gramatical (o falar “certo”, o falar “bonito”). Por isso, se você quiser saber por que uma forma é tratada como erro atualmente, deve procurar a resposta não na forma linguística em si — quer dizer, em alguma propriedade fonológica, morfológica ou sintática —, mas na história social da língua, cujas circunstâncias em algum momento terão estigmatizado esse uso como feio, errado e condenável.

Se o problema fosse linguístico, bastaria às classes populares aprender a norma padrão (ou a norma culta) e elas seriam rapidamente catapultadas para o topo da pirâmide social. Mas essa é uma visão ingênua. Na realidade, a dinâmica é a seguinte:

Classificação

As pessoas são divididas entre melhores e piores com base em algum fator independente, não linguístico (pode ser o patrimônio, o fenótipo, as duas coisas juntas ou qualquer outro fator relevante em uma sociedade).

Julgamento

Decide-se que a forma de falar das “pessoas melhores” é certa e bonita — o que significa que, se a fala delas mudar, o padrão de correção gramatical muda junto (ou, pelo menos, seus novos usos não serão estigmatizados).

Condição

Nesse cenário, as “pessoas piores” não têm muita saída — primeiro, porque elas ficarão eternamente correndo atrás do padrão de correção dos eleitos; segundo, porque elas já serão portadoras de outras marcas que as estigmatizam independentemente da linguagem.

Que lição devemos tirar disso tudo?

Devemos entender que, em se tratando de uso linguístico, não existe “certo” e “errado”? Não existe erro gramatical? Todas as formas de falar são igualmente válidas? Vamos com calma. Para responder a perguntas desse tipo, precisamos antes estabelecer o que entendemos por “certo” e “errado”.

E o problema é que existem, pelo menos, três definições possíveis. Sendo assim, o primeiro passo é explicitar cada uma delas:

Definição 1

Certa é a forma comunicativamente mais eficiente; errada é a forma que produz uma comunicação precária, do ponto de vista do entendimento mútuo.

Definição 2

Certo é o uso que reflete um padrão, uma regularidade; errada é a forma assistemática, que não segue regras.

Definição 3

Certa é a forma revestida de prestígio social; errada é a forma socialmente estigmatizada.

Pronto: agora que nós estabelecemos, com clareza, os possíveis significados das noções de “certo” e “errado”, podemos oferecer respostas simples, diretas e objetivas (no sentido de serem objetivamente verdadeiras e não meras opiniões) às perguntas acima:

Definição 1

Se assumirmos a definição 1, então não existe “certo” e “errado” na língua.

Definição 2

Se assumirmos a definição 2, então são possíveis usos certos e usos errados, mas os erros são pouco frequentes e não dependem de escolarização.

Definição 3

Se assumirmos a definição 3, então existe “certo” e “errado” na língua, e os erros são bastante frequentes e altamente dependentes do processo de escolarização.

Vamos explicar cada uma das respostas:

Definição 1

Demonstramos que todas as formas linguísticas associadas a comunidades de fala são comunicativamente eficientes. Não há razão para supor que “brusa” comunica de maneira menos eficaz a ideia de determinado tipo de vestimenta do que “blusa”. Logo, se você define “uso errado” como “uso comunicativamente deficiente”, então, necessariamente, todas as variantes são certas, e, portanto, não existe erro.

Definição 2

Dissemos que todas variedades linguísticas são regulares e sistemáticas. Isso significa que nenhum agrupamento humano se comunica, consistentemente, de maneira assistemática, produzindo enunciados caóticos e que não sejam o resultado de regras. Mas pode acontecer de, em uma situação comunicativa particular, um falante produzir um enunciado que não esteja de acordo com o padrão de nenhuma variedade real. Isso tende a ocorrer em dois tipos de situação:

Quando o falante está submetido a algum fator externo que sobrecarrega o processamento (urgência, pressão psicológica, crise de ansiedade etc.); quando ele se esforça muito para “falar bonito”.

No primeiro caso, pode acabar escapulindo, na correria, algo como “o meninos”. No segundo, ele pode, no afã de impressionar o interlocutor, sair com uma anomalia do tipo “A linguagem é uma faculdade que cuja qual o ser humano já nasce com ela”. Nesses dois casos, o falante cometeu um erro se entendermos erro, de acordo com a definição 2, como assistemática: afinal, ele produziu enunciados que não refletem o padrão sintático de nenhuma variedade empiricamente atestável entre as diferentes comunidades de falantes do português. Prova de que esses usos são assistemáticos é o fato de que, passada a crise de ansiedade, ou o afã de impressionar, ele voltará a produzir, sistematicamente, enunciados como “os menino”, “os livro” e “a faculdade que o ser humano já nasce com ela” — todos estes perfeitamente regulares e padronizados.

Definição 3

Por fim, passemos à definição 3. É possível admitir que “existe certo e errado” na língua se, ao afirmarmos isso, definirmos a noção de erro a partir de um parâmetro social, e não gramatical. Isto é, se a própria definição de erro consistir na ideia de uso socialmente estigmatizado, então é claro que existem usos errados — porque inegavelmente existem usos que são socialmente condenados como sendo “feios”, “sem lógica”, “bizarros” etc.

O problema é que, em geral, não é isso que as gramáticas tradicionais querem dizer quando afirmam que determinado uso é errado — elas dão a entender que existe algo de intrinsecamente inferior com a forma linguística em questão (e não, simplesmente, que ela é percebida socialmente como inferior), o que é objetivamente falso.

As coisas ficam mais claras quando substituímos termos altamente polissêmicos como “certo” e “errado” por expressões com significado inequívoco. Os linguistas dizem que “não existe certo e errado”? Depende. Objetivamente, os linguistas dizem que:

Primeiro

Não existem variantes melhores ou piores comunicativamente.

Segundo

Não existem variantes mais ou menos bem estruturadas gramaticalmente, mas existem usos esporádicos assistemáticos.

Terceiro

Existem variantes bem-vistas e malvistas pela sociedade. Se isso significa que existe ou não “certo e errado”, depende de como você define esses conceitos — mas a essa altura isso já não deverá mais ser tão relevante.

Preconceito linguístico

Neste vídeo, o professor Diego Pinheiro abordará como o preconceito linguístico propõe um desafio aos profissionais da educação e o que esses profissionais podem fazer para não reforçar/reproduzir preconceitos.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

Variantes estigmatizadas e sua eficiência



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Variedades não padrão e suas regras



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

A atitude de desprezo ou menosprezo em relação à variedade linguística do outro se configura como preconceito porque

A

é preciso demonstrar respeito a todas as pessoas, independentemente do grau de sofisticação da sua fala.

B

a estruturação gramatical dos usos linguísticos é menos importante que a capacidade de se fazer entender.

C

todas as variedades linguísticas são igualmente estruturadas do ponto de vista gramatical e eficientes do ponto de vista comunicativo.

D

não é justo discriminar uma pessoa se ela tiver sido vítima da falta de acesso à escolarização.

E

a língua culta é o registro universal e que deve ser prestigiado em todas as situações de comunicação



A alternativa C está correta.

É um consenso entre os linguistas a ideia de que todas as línguas e variedades linguísticas são igualmente estruturadas do ponto de vista gramatical e eficientes do ponto de vista comunicativo. Diante disso, não se sustenta o discurso do senso comum segundo o qual as variedades estigmatizadas envolvem usos linguísticos "sem regra" ou implicam comunicação precária. Dado que essas variedades não são inerentemente piores, qualquer julgamento estigmatizante é infundado e, portanto, preconceituoso.

Questão 2

Assinale a alternativa que apresenta adequadamente a posição dos linguistas em relação às variantes linguísticas, levando em conta a situação do preconceito linguístico.

A

O preconceito linguístico é injustificável porque os linguistas afirmam de forma absoluta e independentemente de qualquer sentido que não existe “certo e errado”.

B

Os linguistas dizem objetivamente que não existem variantes melhores ou piores comunicativamente.

C

Os linguistas entendem que todas as variantes são bem vistas pela sociedade, portanto não há razão para o preconceito linguístico.

D

Os linguistas defendem um único sentido para os termos “certo” e “errado”.

E

Os linguistas argumentam que as variedades linguísticas impedem a comunicação entre os usuários da língua.



A alternativa B está correta.

Para os linguistas, as variantes linguísticas não se classificam em inferiores e superiores, nem em melhores ou piores, do ponto de vista da comunicação. Por isso, não se justifica o preconceito linguístico quando o uso de variantes linguísticas não prejudica a comunicação.

Considerações finais

Procuramos oferecer uma apresentação panorâmica do campo da Sociolinguística Variacionista. Isso inclui especificar o objeto e o objetivo da disciplina (em contraste com outras áreas afins dos estudos da linguagem), contextualizar historicamente o seu surgimento, apresentar e ilustrar seus principais conceitos teóricos (variedade, variável, variante e condicionador) e desenvolver uma breve discussão sobre preconceito linguístico.

Esperamos que você possa tanto mergulhar por conta própria na vasta literatura científica da área (vida profissional) quanto contribuir para a adoção e disseminação de atitudes não preconceituosas em relação à linguagem (vida social).

Podcast

Neste podcast, Diego Pinheiro responde às perguntas de Luís Dallier sobre os estudos na área da Sociolinguística.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para ouvir o áudio.

Explore +

Leia o texto **Condicionantes externos e internos**, do linguista e professor Diogo Pinheiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para aprofundar o conceito de condicionadores na Sociolinguística Variacional e verificar o resultado de pesquisas acadêmicas sobre esse assunto tanto na língua portuguesa quanto na língua inglesa.

Para avançar no estudo dos conceitos principais da Sociolinguística Variacional e conhecer aplicações desses conceitos em estudos da língua inglesa, leia o texto **Juntando tudo: variedade, variável e variante em um estudo de William Labov**, de Diogo Pinheiro.

Se você quiser conhecer a história dos estudos sociolinguísticos no Brasil, leia o artigo **Sociolinguística no/do Brasil**, da linguista e professora Raquel Freitag.

Referências

BRIGHT, W. (ed.). **Sociolinguistics**: Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference 1964. The Hague, Paris: Mouton, 1966.

CALVET, L. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CURRIE, H. C. **A projection of socio-linguistics**: the relationship of speech to social status. *The Southern Speech Journal*, v. 18, n. 1, p. 28-37, 1952.

ECKERT, P. **Variation and the indexical field**. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.

ECKERT, P. **Jocks and burnouts**: social categories and identities in the High School. New York / Londres: Teachers College Press, 1989.

GRYNER, H.; OMENA, N. P. **A interferência das variáveis semânticas**. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 89-100.

KENEDY, E. **A antinaturalidade de *pied-piping* em orações relativas**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

LOPES, C.; DUARTE, M. E. L. **De Vossa Mercê a você**: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: Editora In Folio, 2003.

OMENA, N. P. **A referência à primeira pessoa do plural**: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Faperj/ Contracapa, 2003, p. 63-80.

PAIVA, M. C. **O percurso da monotongação de [ey]**: observações no tempo real. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Faperj/ Contracapa, 2003, p. 31-46.

ROMANO, V. P. **Em busca da falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Mudança sem mudança**: a concordância de número no português brasileiro. *Scripta*, v. 9, n. 18, p. 107-219, 2006.

VIEIRA, M. J. B. **Variação das preposições em verbos de movimento**. *Signum*, v. 12, n. 1, p. 423-445, 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.